

Cláudia Elisabeth Ramos

Ócrun

2ª Edição

Edição do Autor

Porto Alegre - 2015

Ócrun

Cláudia Elisabeth Ramos

CLÁUDIA ELISABETH RAMOS

Ócrun

Ócrun

Copyright © 2013 by Cláudia Elisabeth Ramos
PROIBIDA A VENDA DESSE EXEMPLAR
FORA DO TERRITÓRIO NACIONAL

Impresso no Brasil

Foto Capa
Pintura de Julius Schoppe.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ramos, Cláudia Elisabeth
Ócrun/ Cláudia Elisabeth Ramos. -- 1. ed. --
Viamão, RS : Ed. do Autor, 2013.

1. Romance brasileiro

I. Título.

13-05429

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura brasileira

869.93

*O homem cria seus mitos,
suas crenças, suas religiões.
Sem perceber, cria seus próprios medos,
as suas privações, seus fantasmas e seus bruxos.
Neste imensurável mundo
produzido pelo filho do criador
está a destruição do próprio homem
e a sua imersão à maldade,
às vezes saturada por idiotices gerada na intenção
de provocar um ato de bondade.*

Ócrun

Capítulo I

França, século XVII. Um trotar ecoava em estalos lentos na mesma proporção em que se movia o cavalo. O ar era frio e uma neblina quase impedia a visão das outras montanhas em meio aos abismos que volta e outra da estrada para Laureville beiravam precipitadamente. Uma criatura pequena, aparentando em momentos uma criança, mantinha-se sobre o equino feito uma trouxa. Não era possível ver nem um vestígio de sua pele, devido a uma capa grossa, feita de lã pura e negra, que trazia um capuz encobrindo o rosto. Nada aparentava hostil. Estava aos poucos se aproximando da cidade, tão pequena que por alguns era considerada um vilarejo.

Apesar da manhã fria e sombria, Laureville estava agitada. Não era domingo, mas a maior parte da cidade fora na igreja ou dirigia-se para ela. Os ferreiros eram os únicos que continuavam a trabalhar devido à grande encomenda de seus serviços. Trabalhavam duro e eram três: um senhor já de idade um pouco avançada, um jovem de uns 15 anos e outro de 23. Este último, Jean, o mais bonito e desejado pelas moças da cidade, trabalhador, forte, louro com estatura alta e máscula, era apaixonado por Cristine. Cristine era a jovem mais rica da cidade, filha do maior comerciante considerado o mais devoto dos frequentadores da igreja. Jean não conseguia tirar os olhos da porta grande da casa de sua amada, na espera de sua saída para ir à missa.

Aos poucos, a grande porta abriu-se. Uma linda jovem de cabelos castanhos escuros e olhos verdes, pequena e esbelta, surgiu

Ócrun

feito encanto em um belo vestido que lhe moldava a cintura. Seguida formosamente por sua mãe, tão bem vestida quanto ela, desceu as escadarias da frente da casa erguendo o vestido. Foram a pé em direção da igreja. Cristine comentava com sua mãe demonstrando-se preocupada:

– Pobre Dona Gertrudes, perder o seu filho mais novo. Não sei como pode este bruxo fazer tal maldade com uma criança de seis anos. Confesso de que detesto ir numa missa de sétimo dia, é tão triste.

– Ninguém gosta! Mas devemos reforçar a fé de todos e rezar pela salvação da alma desta criança, provavelmente entregue ao demônio.

Cristine imediatamente se benzeu. Demasiadamente devota da Igreja Católica, sonhava em entregar-se totalmente a Jesus Cristo entrando ao Convento que havia próximo da cidade. Nunca amara a ninguém a não ser seus pais. Era pura, simples e boa de coração.

No caminho, algumas crianças brincavam de “pegar”. Ao perseguidor as crianças chamavam de bruxo, correndo aos gritos. Aquilo era comum naquela cidade desde o nascimento, a vinte e cinco anos atrás de um homem, conhecido pela cidade como “bruxo”.

Passando pelas crianças, chegaram à frente dos ferreiros. Jean, o galante apaixonado, largou logo seus afazeres para curvar-se diante da religiosa Cristine, beijando-lhe imediatamente sua mão. Ela sorriu com meiguice, mas sem dar muita importância ao galanteio do jovem. Depois, as duas seguiram caminho. Jean continuou olhando-as, suspirando enamorado.

– Mãe, – chamou Cristine – soube que a Madre Superiora de Saint’Mere irá na missa. Eu já poderia falar com ela e confirmar se poderei ir amanhã... Estou tão ansiosa.

Sua mãe, apesar de apreciar a devoção de sua filha e de não ser muito religiosa, sonhara com o casamento dela. Por este motivo, não conseguia aceitar puramente a decisão de Cristine de se tornar freira.

– Filha, tem certeza que é isso o que você quer?

– É claro, mamãe!

– Ora, filha. Todos os jovens desta cidade a desejariam. E Jean, ele tem todos os dotes que uma jovem poderia almejar, e morre de amor por você.

– Mãe, eu amo a Jesus Cristo. Ele é e será o único homem de minha vida. Eu já me decidi.

– Está bem! Não posso mudá-la e sei que seu pai concorda, mas é que eu... eu queria ter um genro, netos... – entristeceu.

– Ah, mãe, não fique assim! A senhora terá um genro de que deveria ter a maior honra do mundo, é Jesus Cristo. E netos? Eu quero, depois de tornar-me irmã, trabalhar num orfanato. Lá terei muitos filhos e a senhora, netos!

As duas pararam e se abraçaram. Estavam na frente da igreja. Logo na entrada, Cristine encontrou a Madre Superiora e foi em busca da realização de seu nobre sonho. A Madre confirmou e não pode continuar a falar com a jovem devido às badaladas dos sinos indicando o início da missa. Logo na entrada, também encontraram Dona Gertrudes e o seu esposo Homero, que de luto recebiam os pêsames de todos. Em seguida, todos se dirigiram para dentro do templo e foi iniciado o culto.

Aos poucos, tão devagar como estava, foi entrando na rua principal da cidade. Lentamente elevou a cabeça e seu rosto foi surgindo, um rosto jovem e pálido. Com um ar de vitória ergueu o seu pequeno corpo, tornando-se imponente. Sentia-se realizado, mas não sorria. Notou o bater do sino e a ausência de pessoas na rua, pareceu estranhar. Lançou de repente um sorriso rápido que como surgiu, desapareceu. Abriu seus lábios pequenos como que boquiaberto ao contemplar a cidade, dela saiu uma fumaça provocada pela umidade do ar.

Jean batia com uma marreta numa ferradura em brasa. Pelo silêncio que ficou Laureville durante a missa, ele estranhou o trotear do cavalo. Levantou seus olhos a procura da origem do som, não pode conter a surpresa e sussurrou:

Ócrun

– Olha só quem teve a coragem de voltar... o bruxo!

Correu a procura de seu pai que logo ao vê-lo, buscou auxílio de outros homens que estavam na missa.

O rapaz assustou-se, porém manteve-se firme no cavalo.

A missa estava chegando a seu momento máximo, o da consagração. O padre apresentava o corpo de Cristo na forma da hóstia a Deus e orava em Latim. Todos de joelhos adoravam a Deus. O padre logo pegou o vinho e elevou aos céus.

Na rua, o ferreiro corria, subindo as escadarias da igreja. O jovem, chamado de bruxo, tão temido, temendo, parou diante da igreja. Abaixou os olhos tristemente, depois o ergueu com ar de vingança e de ódio, olhando para a cruz, na ponta da torre.

O ferreiro então entrou na igreja gritando:

– O bruxo! O desgraçado do bruxo está aqui!

Neste momento, o padre estranhou e interrompeu a cerimônia, abaixando a taça. Depois a olhou e dentro dela não viu mais vinho. Viu sangue. Gritou desesperado e a jogou longe. O sangue rolou pelo chão do altar e todos saíram gritando, menos Cristine, que segurou sua mãe, acalmando-a. Ainda dentro da igreja, o ferreiro organizou homens e sem pensar, julgou, como todos os que estavam na missa, ser o jovem o culpado pela transformação do vinho em sangue. Jean chegou correndo, temendo o jovem e carregando armas. Logo as distribuiu entre todos. Seu irmão mais moço olhava de longe, perto dos cavalos.

Cristine parecia não entender o que as pessoas diziam. Elas gritavam sangue, mas o que ela via era apenas vinho. Sua mãe também havia sido contaminada pelo o que ela julgava ser alucinação. Foi até o altar para ver se estava errada. Porém ainda continuava sendo vinho. Trouxe sua mãe a força e ela continuava vendo o que todos viam, gritando:

– Filha, que horror, é sangue!

Cristine não conseguia acreditar.

– Mãe, pare com isso e olhe direito, é vinho!

Sua mãe então parou e mais calma olhou. Depois confirmou:

– Sim, filha, – mais calma – realmente é vinho! – depois gritou
– Senhores, não é sangue! É vinho!

As outras pessoas aproximaram-se e vieram confirmar, todas agora viam vinho. E acreditaram que o vinho havia voltado ao normal e não que elas haviam sofrido uma paranóia ou alucinação coletiva.

Os homens já armados ficaram no meio das escadarias entre o jovem e a igreja, direcionando suas armas para ele. No grupo de vingadores não estava o pai do menino morto em oferendas, Homero. Ele e sua esposa não saíram do banco da igreja e continuavam rezando. O ferreiro liderava os homens, Jean apoiava seu pai.

– O que faz aqui, bruxo? Está mais forte agora, depois que ofereceu a alma do pequeno Ludivico a seu mestre, o demônio. Ou pretende assassinar mais alguém para ele, desgraçado?

O jovem apenas lançou um olhar penetrante e expressando ódio.

– Diga, bruxo! – bradou outro homem. – Seus dias de vida já se esgotaram depois do que você fez. A ira de Deus cairá sobre você e é superior a do mal. Você não tem poderes sobre nós e será morto agora.

– Morte ao bruxo! – gritou Maurice, pai de Cristine, chegando a cavalo, galopando.

Os homens correram em direção do rapaz que empinou o seu cavalo assustado e começou a fugir, galopando. O pai de Cristine correu na frente por já estar montado. Os outros montaram logo, porque o filho mais novo do ferreiro já trazia os cavalos. Uma perseguição começou. O cavalo branco era muito ligeiro, e por causa dele o rapaz não foi atingido pelos tiros.

Vendo que, se continuasse correndo na estrada, seria mais fácil alcançá-lo, saiu dela, subindo uma montanha em meio aos pedregulhos e cascalhos que havia lá. Os homens não desistiram. Uns cavalos se negaram a subir, forçando fazerem a volta e subir por outro lado. O jovem estava nervoso e não controlava mais o cavalo, sentindo-se perdido. Cavalgou pelo local de maior acesso e notou que estava subindo cada vez mais. Os homens continuavam, e o pai de Cristine

Ócrun

agora estava junto dos outros. Os cavalos derrapavam e alguns cortavam as patas. A subida era muito perigosa, contudo o ódio que sentiam era forte demais. Dois cavalos caíram e alguns homens se machucaram. *Um homem terrível como aquele tinha que ser morto.* Não podiam continuar lembrando-se de como fora encontrado o garoto, amarrado no chão em meio a um pentagrama e circulado de velas. Era crueldade demais o que aquele homem fizera.

Os cavalos começaram a cansar até mesmo o do rapaz. A velocidade da subida diminuía. Foi aí que ele saiu do meio da mata. Pode ver o céu tempestuoso e também que havia chegado a beira de um penhasco. O cavalo empinou. Ele não podia ficar ali, tinha que voltar. Mas só havia um lugar que poderia ir, por onde havia chegado. Era tarde. Os vingadores o alcançaram. Estava cercado. O cavalo voltou a empinar e o capuz que escondia seu rosto logo caiu, mostrando um rosto assustado e aparentemente frágil. O ferreiro apontou então sua garrucha e logo os outros homens seguiram seu exemplo, apontando as suas. O jovem estremeceu e lançou um olhar de piedade. O cavalo não parava de empinar. O olhar afetou a todos que aos poucos foram abaixando as armas. Sentiram um arrepio e um medo apoderou-se de seus corações. O jovem respirou um pouco aliviado. Mas Maurice, o pai de Cristine, reforçou as energias e gritou:

– Morte ao bruxo! Não caiam no jogo dele! Lembrem-se, é um assassino cruel! – apontando a garrucha novamente.

Neste instante, o cavalo do rapaz voltou a empinar, mas estava demasiadamente na beirada e provocou um desmoronamento. Estava caindo. Um grito desesperado partiu da garganta do jovem, agarrando-se firmemente no animal. Os homens apavoraram-se e fizeram um sinal da cruz. Imaginaram ser o fim do rapaz, quando de repente voltaram a olhar ao abismo e viram a fantástica transformação do cavalo dele em um ser alado, que revoou fugindo sã e salvo de seus perseguidores.

Todos se benzeram e ajoelharam-se a rezar. O “bruxo” continuava vivo.